ISSN: 2358-8829

FORTALEZA 300 ANOS: O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL COMO RECURSO DE IDENTIDADE E VALORIZAÇÃO

Karla Angélica Teixeira da Silva[1]
Francisca Aline Freires Gadelha[2]
Onete Raulino da Costa[3]
Elizabete Siqueira de Macêdo Aguiar[4]
Elisabeth Alessandra Trindade Moura[5]

INTRODUÇÃO

O patrimônio histórico e cultural de Fortaleza guarda memórias coletivas, transformações urbanas e referências culturais que foram compondo a identidade da cidade, e trabalhar esses bens na escola é um modo de ensinar os estudantes a reconhecê-los. Quando o aluno entra em contato com esses espaços, o conteúdo histórico deixa de ficar preso ao livro e encosta na experiência cotidiana dele, o que ajuda a compreender a cidade como um território feito de memórias, práticas e expressões culturais diferentes entre si. É nesse ponto que se insere o projeto educativo "Fortaleza 300 anos", que nos interessa aqui como contexto para discutir a relação entre educação patrimonial, aprendizagem histórica e sentimento de pertencimento, a partir das possibilidades pedagógicas de aproximar os alunos do patrimônio cultural do município.

As aulas de campo em espaços culturais entram nessa discussão porque articulam o que foi trabalhado em sala de aula com a observação e a interpretação direta das referências históricas e culturais. Souza (2014) discute isso, mostrando que o planejamento da saída e a retomada das experiências depois dela são etapas que ligam a atividade externa à aprendizagem, e é justamente esse cuidado que distingue uma atividade pedagógica de um passeio. Na mesma direção, Campos (2015), Moreira e Marques (2021), Silva e Parente (2026) e Guerra, Guardia e Araújo (2018) trabalham as aulas de campo como estratégia pedagógica vinculada à aprendizagem e à valorização patrimonial. É com base nessas

[1] Mestranda em Ciências da Educação da Universidade Del Sol (UNADES). Especialista em Metodologias no Ensino de História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), karla.teixeira.2009@gmail.com;
[2] Especialista em Gestão e Coordenação Escolar pela Faculdade Latino-Americana de Educação (FLATED) e especialista em Qualificação do Ensino de Matemática do Estado do Ceará pela Universidade Federal do Ceará (UFC), alinegadelha25@gmail.com;
[3] Doutoranda em Ciências da Educação da Universidad Del Sol (UNADES), onete.raulinoc@gmail.com;
[4] Especializanda em Ciências e 10 Projeto Nacional UECE. Licenciada em Química pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), bete.smaguiar@gmail.com;
[5] Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). Graduada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), eatm.6675@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

referências que discuto aqui como a escola pode usar educativamente os espaços culturais, convém dizer, sem supor que a simples visitação produza, por si só, mudanças na identidade ou no sentimento de pertencimento dos estudantes.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi analisar como as aulas de campo em espaços culturais de Fortaleza contribuem para a valorização do patrimônio histórico e cultural, a construção da identidade e o fortalecimento do sentimento de pertencimento à cidade por parte dos alunos, no contexto do projeto "Fortaleza 300 anos". Concretamente, tentou-se entender como o patrimônio colabora para o reconhecimento das origens, da memória e das mudanças históricas, sociais e culturais do município; avaliar as contribuições das aulas de campo para a aprendizagem da história e para a educação patrimonial; e identificar os benefícios que as atividades pedagógicas do projeto trazem para a apropriação dos saberes sobre o patrimônio local. O estudo se mostra pertinente na medida em que possibilita uma reflexão sobre práticas educativas que possam aproximar os alunos da história de sua cidade e embasar o planejamento de ações educativas que valorizem suas referências culturais.

Em termos de metodologia, foi utilizada uma abordagem qualitativa, que consistiu em dois procedimentos: uma revisão bibliográfica e uma análise da prática pedagógica realizada com alunos do 5º ano da Escola Municipal Santos Dumont. A discussão sobre patrimônio histórico e cultural, educação patrimonial e aulas de campo foi embasada na revisão bibliográfica, tendo em vista a orientação metodológica de Sousa, Oliveira e Alves (2021) e Minayo (2012). A avaliação englobou as atividades descritas no projeto, como a narrativa sobre a história de Fortaleza, a roda de conversa a respeito dos saberes prévios dos alunos, as ilustrações de pontos históricos, as produções textuais, as pesquisas realizadas online, a confecção de um mural, a visita ao Museu da Fotografia de Fortaleza e a apresentação dos trabalhos aos outros estudantes do Ensino Fundamental I. Os resultados estão organizados em três categorias analíticas: construção do conhecimento histórico fortalezense, recursos pedagógicos que valorizam o patrimônio cultural e socialização das aprendizagens.

A investigação mostrou que o projeto integrou várias estratégias de ensino para tratar da história e do patrimônio cultural de Fortaleza, mesclando diálogo, pesquisa, produção artística, escrita, visitas a espaços culturais e a troca de trabalhos realizados. Essas iniciativas possibilitaram explorar maneiras de contextualizar os conteúdos escolares e envolver os alunos na criação e na divulgação do conhecimento sobre a cidade. No entanto, não é possível afirmar, com base nas informações disponíveis, que houve alterações na identidade dos participantes ou um fortalecimento do sentimento de pertencimento, uma vez que isso exigiria

ISSN: 2358-8829

registros específicos sobre como cada um percebe esses aspectos. Portanto, o trabalho traz uma contribuição para pensar a educação patrimonial nos anos iniciais do Ensino Fundamental e sublinha a necessidade de que futuras pesquisas investiguem as percepções dos alunos antes e após as aulas de campo, suas produções e relatos, de modo a enriquecer o entendimento sobre as contribuições dessas experiências para a aprendizagem histórica e para a relação com o território.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem qualitativa porque era isso que as experiências educativas do projeto "Fortaleza 300 anos" pediam: entender como a valorização do patrimônio histórico e cultural, a aprendizagem sobre a cidade e a construção do sentimento de pertencimento dos estudantes se deram na prática, e não apenas registrar que se deram. Minayo (2012) chama de análise qualitativa justamente essa interpretação dos fenômenos investigados articulada ao contexto em que ocorrem, e foi esse tipo de leitura, atenta ao contexto em que as práticas se realizaram, que orientou o exame delas neste trabalho. Isso tem um preço: a experiência educativa não virou indicador quantitativo, e não há aqui um número que diga o quanto os estudantes passaram a se sentir parte da história de Fortaleza. O que se interpreta é a prática pedagógica observada, não um instrumento aplicado diretamente a eles para medir esse sentimento.

O trabalho se apoiou em dois procedimentos. O primeiro foi a revisão bibliográfica, que reuniu o que já se produziu sobre educação patrimonial, sobre aulas de campo e sobre as estratégias pedagógicas pensadas para a aprendizagem histórica, antes de qualquer leitura da experiência em si. Sousa, Oliveira e Alves (2021) tratam esse tipo de pesquisa como um estudo sistemático da produção científica ligada ao objeto investigado, algo que serve tanto para arrumar os conceitos quanto para dar base à análise. Foi com esse propósito que o levantamento foi feito, contemplando os referenciais que tratam do patrimônio cultural em sua relação com a educação e com as práticas educativas que acontecem em espaços culturais. O segundo procedimento foi a análise da aula de campo propriamente dita.

O segundo procedimento consistiu na análise da experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do 5º ano da Escola Municipal Santos Dumont, no âmbito do projeto "Fortaleza 300 anos", incluindo a visita ao Museu da Fotografia Fortaleza e as atividades realizadas antes e depois dessa experiência. Foram consideradas a apresentação da história da cidade, a roda de conversa, as ilustrações de locais históricos, as produções textuais, as pesquisas na internet, a elaboração de um mural e a socialização dos trabalhos com outros

ISSN: 2358-8829

estudantes do Ensino Fundamental I. A interpretação qualitativa dessas ações foi organizada em três categorias analíticas: construção do conhecimento histórico sobre Fortaleza, recursos pedagógicos de valorização do patrimônio cultural e socialização das aprendizagens. Essa organização orientou a discussão dos resultados em relação aos objetivos da pesquisa, respeitando os limites das informações documentadas sobre a experiência.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Patrimônio histórico e cultural de Fortaleza: memória, identidade e valorização do território

O patrimônio histórico e cultural de Fortaleza é um conjunto de referências materiais e imateriais que, ao longo do tempo, tem representado as origens, as memórias e as mudanças da cidade. Praças, edifícios, memoriais, expressões populares, conhecimentos, festividades e as práticas do dia a dia formam um espaço culturalmente relevante, onde distintos grupos sociais identificam marcas de suas histórias. Entender esse patrimônio é preciso superá-lo como simples reserva de bens tombados e apropriá-lo como instrumento de formação histórica, cívica e identitária dos alunos (Fortaleza, 2021).

A memória coletiva estrutura as relações entre os sujeitos e o território, e é por isso que o patrimônio cultural participa da construção das identidades regionais: ele preserva experiências, valores e narrativas que orientam o modo como os grupos reconhecem o próprio passado (Gevehr, 2021). No caso de Fortaleza, esse reconhecimento não é abstrato: é por ele que se torna possível perceber, ao mesmo tempo, as marcas da formação urbana e as disputas, os apagamentos e as ressignificações que a história da cidade acumulou.

Quando essa leitura se articula com a geografia histórica, o espaço urbano aparece como registro dos processos sociais, econômicos e culturais que foram dando forma à cidade. Ao reconstruir a constituição histórica de Fortaleza, Costa (2017) deixa claro que o espaço urbano conserva esses registros, e daí decorre uma possibilidade didática concreta: a leitura dos lugares permite identificar continuidades e rupturas, de modo que os estudantes consigam ligar as paisagens que veem hoje a experiências históricas anteriores. É aí que o lado material do patrimônio ganha um uso pedagógico mais concreto.

Mas o patrimônio não se esgota nessa dimensão. Rocha (2020) sustenta que o patrimônio se movimenta quando memória e identidade dão sustentação a ações coletivas, o que significa dizer que os bens culturais não se esgotam em objetos fixos, mas ganham vida de novo nas práticas, nas lutas e nas narrativas dos sujeitos. Para Fortaleza, isso pesa diretamente, já que a diversidade cultural da cidade continua viva no território urbano, em

ISSN: 2358-8829

expressões, saberes e memórias que não pararam de circular. A educação patrimonial oferece um caminho pedagógico para aproximar os estudantes dessas dimensões materiais e imateriais. Conrado e Nunes (2022, p. 08) afirmam que:

> A Educação Patrimonial se mostra como um instrumento capaz de promover maior conscientização em prol da preservação. Em linhas gerais, a educação tem por objetivo assegurar o exercício da cidadania, bem como prover o direito à informação e à cultura. Assim sendo, a Educação Patrimonial se apresenta como uma ferramenta valiosa à preservação cultural, pois se configura como uma proposta que visa a inserção de práticas que estimulem a percepção do patrimônio e despertem a curiosidade em torno dos bens culturais enquanto fontes históricas e identitárias.

A preservação do patrimônio não se resolve em tarefa técnica ou em responsabilidade institucional, embora envolva também isso: o que está em jogo é formar sujeitos capazes de reconhecer o patrimônio como direito cultural, fonte de informação histórica e referência de pertencimento, e é esse horizonte que sustenta as aulas de campo propostas no projeto "Fortaleza 300 anos", pensadas para estimular a observação, o diálogo e a interpretação crítica da cidade.

Os memoriais e centros de memória têm um lugar específico nesse processo porque organizam, disponibilizam e socializam informações sobre trajetórias locais. Silva *et al.,* (2018) apontam que esses equipamentos ampliam o acesso à informação sobre o patrimônio, o que alarga as possibilidades de reconhecimento da memória urbana. Integrados às aulas de campo, esses espaços permitem que o estudante relacione documentos, acervos e narrativas à própria vivência na cidade, e é essa relação entre o que está no acervo e o que está na rua que dá densidade à experiência educativa.

Há aqui, no entanto, uma tensão que vale nomear em vez de disfarçar: um projeto de comemoração dos trezentos anos de uma cidade tende, pela própria natureza do gênero comemorativo, a celebrar, e celebração convive mal com silenciamento, disputa e apagamento, que também estão presentes na produção da memória. É a esse ponto que respondem Demarchi, Nito e Scifoni (2025), ao propor uma pedagogia do patrimônio cultural atenta aos apagamentos e às práticas de resistência, ampliando a análise para além das versões hegemônicas sobre o passado. Levar essa atenção para dentro de uma data comemorativa não elimina a tensão, mas muda o que se pode fazer com ela. Valorizar o patrimônio histórico e cultural de Fortaleza, nesses termos, significa reconhecer a pluralidade de memórias que constituem a cidade, e não apenas celebrar uma delas, o que sustenta o sentimento de pertencimento dos estudantes ao território.

2.2 Aulas de campo e educação patrimonial: estratégias pedagógicas para a aprendizagem e a construção do sentimento de pertencimento

ISSN: 2358-8829

As aulas de campo aproximam os conteúdos escolares daquilo que os estudantes vivem nos espaços sociais e culturais da cidade, e no projeto “Fortaleza 300 anos” essa aproximação ganha um sentido particular: o conhecimento histórico de Fortaleza deixa de ficar restrito ao livro e passa a ser confrontado com a observação direta dos espaços culturais, o que ajuda os alunos a perceber o patrimônio como expressão da memória coletiva e da identidade local. Mas a experiência não se sustenta sozinha. Para que a saída da sala de aula resulte em aprendizagem, ela precisa de intencionalidade pedagógica, de vínculo com o currículo e de objetivos definidos desde o início.

O planejamento, nesse sentido, não começa nem termina no dia da visita. Souza (2014) insiste na preparação didática, na delimitação dos conteúdos, na elaboração de roteiros e, sobretudo, na retomada das experiências depois do retorno à escola, porque é nessa retomada que a vivência se converte em aprendizagem organizada. É nessa articulação entre teoria e prática que as observações se organizam e as vivências da visita se transformam em aprendizagem de fato. Sem esse cuidado, a aula de campo se reduz a um passeio, ao simples deslocamento dos estudantes para outro espaço. Essa mesma compreensão volta na afirmação a seguir, que mostra como cada etapa da atividade pedagógica depende das demais:

> [...], para a aula de campo não ser apenas um passeio, ela deve começar muito antes da saída do ambiente escolar. Todo o conjunto que engloba o planejamento, a delimitação dos conteúdos abordados que serão elos entre a aula teórica e prática, elaboração de roteiros, ou seja, tudo que é pensado e elaborado antes, durante e depois são elementos fundamentais ao sucesso da aula de campo, da mesma forma que é importante o planejamento para a saída a campo o retorno significa ainda mais, tendo em vista que esse é o momento para a discussão, para as contribuições que o estudo trouxe para o crescimento intelectual dos estudantes (Souza, 2014, p.16).

A aquisição de conhecimento que ocorre nas aulas de campo também se relaciona com o que os alunos já sabem e o que é construído no momento da vivência. Campos (2015) é uma referência valiosa ao tratar das aulas de campo no contexto das práticas pedagógicas escolares, o que nos permite discutir a organização dessas atividades dentro do processo educativo. Ao considerar o patrimônio histórico e cultural de Fortaleza, o que os estudantes inicialmente percebem, depois do que observam nos lugares visitados e do que discutem em sala de aula, é possível organizar experiências de aprendizagem sobre a história, a cultura e as mudanças na cidade.

Nesse sentido, é possível articular educação patrimonial e ensino de Geografia por meio de ações que levem os alunos a conhecerem mais de perto os espaços culturais, o que também favorece a mediação pedagógica. Silva e Parente (2026), ao articular a aula de campo, a educação patrimonial e a democratização do acesso, oferecem um caminho para situar essa

ISSN: 2358-8829

discussão no âmbito das práticas educativas que visam à valorização do patrimônio. De maneira complementar, Moreira e Marques (2021) discutem a relevância das aulas de campo como uma estratégia para o ensino e a aprendizagem, tema que possibilita refletir sobre a conexão entre a observação direta, o planejamento didático e a sistematização do conhecimento. Dentro do projeto "Fortaleza 300 anos", as visitas guiadas ao Museu da Fotografia Fortaleza e à Caixa Cultural Fortaleza inserem-se nessa perspectiva, ao aproximarem os estudantes de espaços de preservação e difusão cultural.

A valorização do patrimônio também se dá com a participação efetiva dos alunos na leitura e na divulgação das experiências que tiveram. Quando Guerra, Guardia e Araújo (2018) tratam da aula de campo como estratégia de valorização patrimonial, eles trazem uma citação que vai direto ao encontro do debate sobre as potencialidades educativas do contato com o patrimônio. Assim, produzir fotografias, registrar em diários de campo, fazer relatos orais e apresentar banners podem auxiliar na organização das observações e na troca de aprendizagens construídas. Essas ações ainda possibilitam que os estudantes compartilhem suas visões sobre a cidade e considerem as interações entre memória, identidade cultural e pertencimento, elementos que devem ser investigados com base nos registros e nas evidências geradas ao longo do projeto.

2.3 Práticas pedagógicas de valorização do patrimônio cultural: experiências educativas, registros e participação estudantil

Trabalhar o patrimônio cultural em sala tem uma vantagem concreta: os conteúdos escolares deixam de ser abstração e passam a conversar com a história e com as experiências que os estudantes já trazem. Foi essa a aposta do projeto "Fortaleza 300 anos", desenvolvido com alunos do 5º ano na Escola Municipal Santos Dumont. As atividades se organizaram a partir da comemoração dos 300 anos de Fortaleza, procurando ampliar o que as crianças sabiam sobre a trajetória histórica da cidade e sobre seus espaços culturais. As aulas de campo, articuladas ao trabalho de sala, foram o momento em que essa aproximação com o patrimônio local se concretizou, abrindo espaço para discutir o que esses lugares significam para a memória de quem vive na cidade e para a identidade dessa população.

A preparação começou com a professora apresentando a história de Fortaleza, desde o surgimento como vila até a configuração atual de cidade. Em seguida, uma roda de conversa serviu para levantar o que os alunos já sabiam, o que percebiam e que experiências tinham em relação ao município. Essa etapa serviu justamente para conectar os conhecimentos que as crianças já traziam aos conteúdos históricos do projeto. Souza (2014) chama atenção para o

ISSN: 2358-8829

cuidado que esse tipo de planejamento exige: é a articulação entre as atividades preparatórias, a realização da aula de campo e os debates posteriores que integra a experiência prática ao processo de aprendizagem, em vez de deixá-la isolada como um passeio.

A pintura de gravuras que retratavam locais históricos de Fortaleza, a elaboração de textos e a pesquisa online sobre a cidade, tanto no passado quanto no presente, também fizeram parte das atividades pedagógicas. Essas abordagens permitiram explorar diversas maneiras de representar e entender a história local, incentivando a escrita, a observação e a comparação das mudanças na cidade ao longo dos anos. Práticas pedagógicas que se conectam às aulas de campo, compiladas por Campos (2015), servem como um ponto de partida para o debate sobre a articulação entre vivências educativas e a estruturação do conhecimento escolar. A junção de momentos individuais e em grupo também permite que os alunos participem mais ativamente da elaboração e da disseminação dos saberes produzidos.

A visita ao Museu da Fotografia Fortaleza foi uma etapa de aproximação dos estudantes a um espaço cultural dedicado à imagem fotográfica. Essa experiência pode ser comparada ao que Moreira e Marques (2021) discutem sobre as aulas de campo enquanto uma estratégia para o ensino e a aprendizagem, ou seja, ao conectar o que é aprendido na escola com a observação direta de elementos e espaços situados fora dela. Com essa perspectiva em mente, Silva e Parente (2026) conectam aula de campo, educação patrimonial e democratização do acesso, aspectos que merecem ser considerados na reflexão acerca das potencialidades educativas das visitas a instituições culturais. A visita, no âmbito do projeto, foi parte de uma série de ações que envolveram pesquisa, produção de textos e a criação de um mural, o que possibilitou trabalhar o patrimônio por meio de diversos recursos didáticos.

A culminância se deu com a apresentação, por parte dos alunos, das pesquisas e dos trabalhos que produziram para seus colegas do Ensino Fundamental I. Essa socialização possibilitou o compartilhamento dos saberes adquiridos durante o projeto e também destacou para a comunidade as ações desenvolvidas pela turma. Também está alinhada à discussão de Guerra, Guardia e Araújo (2018) sobre a aula de campo como um método que valoriza o patrimônio a contribuição dos alunos na criação dos materiais e na apresentação dos resultados. Com base nas atividades que foram realmente relatadas, o projeto integrou exposição histórica, diálogo sobre conhecimentos prévios, expressão artística, pesquisa digital, produção textual, visita cultural e apresentação coletiva. Elas fornecem subsídios para pensar de que maneira as práticas pedagógicas podem favorecer o reconhecimento do patrimônio de Fortaleza e a constituição de vínculos identitários e de pertencimento, sem se antecipar a resultados que não foram avaliados.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das atividades do projeto “Fortaleza 300 anos”, desenvolvido com os estudantes do 5º ano da Escola Municipal Santos Dumont, organizou os achados em três categorias analíticas: a construção do conhecimento histórico sobre a cidade, os recursos pedagógicos de valorização do patrimônio cultural e a socialização das aprendizagens. Na primeira, a professora expôs a trajetória de Fortaleza, desde o surgimento como vila até a configuração atual de cidade, e emendou a exposição a uma roda de conversa sobre o que os alunos já sabiam a respeito. Ao partir do que os estudantes conheciam, a atividade aproximou o conteúdo histórico das vivências cotidianas deles, o que deu base para relacionar a história local às suas próprias experiências.

Na categoria dos recursos pedagógicos, aparecem a pintura de gravuras de pontos históricos de Fortaleza, as produções textuais, as pesquisas feitas na internet comparando a cidade de antes e a de agora e um mural confeccionado pelos alunos. Foi um conjunto variado de atividades, e essa variedade permitiu trabalhar o tema por linguagens diferentes: expressão artística, leitura, escrita, pesquisa, representação visual. A experiência dialoga com Campos (2015), que reúne práticas pedagógicas ligadas às aulas de campo; dialoga também, por outro ângulo, com Moreira e Marques (2021), para quem essa modalidade de atividade funciona como estratégia de ensino e aprendizagem. A articulação entre os recursos e os conteúdos ajudou os estudantes a organizar o que levantaram sobre as transformações históricas e culturais da cidade.

A visita ao Museu da Fotografia Fortaleza colocou os alunos em contato direto com um espaço cultural e ligou o que vinha sendo trabalhado em sala a uma experiência educativa fora da escola. Essa dimensão se aproxima da perspectiva de Silva e Parente (2026), que discutem aula de campo, educação patrimonial e democratização do acesso, e também do estudo de Guerra, Guardia e Araújo (2018), dedicado à valorização patrimonial por meio dessa estratégia. No projeto, a visita fez parte de um conjunto maior de ações voltadas ao conhecimento da cidade e de suas referências culturais. Há, porém, uma limitação que precisa ser dita: como não ficaram registradas as percepções dos estudantes durante a visita, não há como afirmar em que medida a experiência modificou suas concepções sobre o patrimônio ou ampliou seu sentimento de pertencimento à cidade.

A terceira categoria esteve relacionada à socialização das aprendizagens, que aconteceu na culminância do projeto, quando os alunos compartilharam com os outros estudantes do Ensino Fundamental I as pesquisas e produções que realizaram. Esse momento

ISSN: 2358-8829

também possibilitou a visibilidade das ações desenvolvidas e o compartilhamento dos saberes construídos na experiência educativa. A apresentação dos resultados dialoga com o que Souza (2014) considera fundamental nas etapas que se seguem à aula de campo, ou seja, a discussão e a retomada dos conteúdos trabalhados. Assim, a culminância não foi apenas o final das atividades, mas uma fase de divulgação dos trabalhos dos alunos, envolvendo pesquisa, criação de materiais e participação coletiva.

De maneira conjunta, os resultados mencionados evidenciam que o projeto "Fortaleza 300 anos" articulou conhecimentos históricos, recursos pedagógicos diversificados, visita a espaço cultural e apresentação coletiva das produções estudantis. A conexão evidenciada possibilita a exploração do patrimônio histórico e cultural como um tema educativo que se relaciona à identidade da região e ao entendimento do território. Acompanhando o propósito geral da pesquisa, as atividades proporcionaram momentos de aproximação dos alunos com a história e a cultura de Fortaleza. No entanto, para afirmar que a identidade e o sentimento de pertencimento foram realmente fortalecidos, seriam necessárias evidências concretas, como gravações das falas dos estudantes, uma análise das produções textuais ou uma comparação entre as percepções deles antes e após as atividades. Essa diferenciação é importante para dar crédito às contribuições pedagógicas documentadas sem atribuir ao projeto resultados que não foram verificados diretamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram alcançados todos os objetivos que se propuseram nesta pesquisa no que tange à análise das atividades realizadas no projeto educativo "Fortaleza 300 anos". A pesquisa possibilitou entender a importância do patrimônio histórico e cultural para a cidade, no que se refere ao reconhecimento de suas origens, de sua memória e de suas mudanças, investigar as contribuições das experiências educativas realizadas em espaços culturais para o ensino de História e a educação patrimonial e ainda identificar as potencialidades pedagógicas das atividades realizadas com estudantes do 5º ano da Escola Municipal Santos Dumont. Nesse sentido, as aulas de campo foram pensadas em articulação com as outras ações educativas, sempre com foco na inter-relação entre conhecimento histórico, valorização cultural e formação do estudante.

A teoria mostrou que as aulas de campo e a educação patrimonial têm o potencial de conectar os conteúdos escolares aos lugares, memórias e expressões culturais que fazem parte do cotidiano. Essas práticas foram discutidas como estratégias de mediação pedagógica, contextualização do saber e aproximação dos estudantes com o patrimônio cultural, tendo

ISSN: 2358-8829

como suporte as contribuições de Souza (2014), Campos (2015), Moreira e Marques (2021), Silva e Parente (2026) e Guerra, Guardia e Araújo (2018). Isso evidencia a necessidade de não considerarmos os espaços culturais apenas como lugares de visitação, mas também como ambientes que promovem aprendizado, onde a história da cidade se conecta ao que os alunos já conhecem e às suas vivências.

As atividades do projeto evidenciaram a articulação de diversas estratégias pedagógicas, como a apresentação da história de Fortaleza, a roda de conversa, a produção textual, a pesquisa online, a ilustração de pontos históricos, a criação de um mural e a visita ao Museu da Fotografia Fortaleza. A apresentação dos trabalhos para os outros alunos do Ensino Fundamental I também ajudou a compartilhar os conhecimentos adquiridos durante o projeto. Todas essas ações demonstraram, de modo conjunto, formas de atuar na memória e no patrimônio cultural fortalezense de forma contextualizada e com a participação dos envolvidos. No entanto, apesar de as atividades estarem voltadas para a valorização da cidade e o fortalecimento do pertencimento, os relatos mencionados não são suficientes para afirmar, por si só, que houve mudanças reais na identidade dos estudantes ou na forma como se sentem parte do lugar.

Futuras investigações poderão avaliar de maneira mais precisa as contribuições de projetos de educação patrimonial à aprendizagem histórica e à relação dos alunos com a cidade, a partir de um registro sistemático das aulas de campo, das produções textuais, dos relatos dos participantes e das entrevistas, quando metodologicamente adequadas. Pesquisas longitudinais poderão também acompanhar eventuais transformações nas percepções dos alunos antes e depois das experiências educativas, ao passo que investigações em outras instituições de ensino e espaços culturais poderão confrontar estratégias pedagógicas e condições de realização. Esses estudos poderão enriquecer a compreensão sobre os efeitos formativos dessas iniciativas e servir como base para o planejamento de ações que integrem currículo, patrimônio histórico e cultural e participação dos estudantes.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, C. R. P. (org.). *Aulas de campo para a alfabetização científica:* práticas pedagógicas escolares. Vitória: Ifes, 2015. 284 p. E-book. Disponível em: https://educimat.ifes.edu.br/images/stories/Publica%C3%A7%C3%B5es/Livros/Aulas-de-Campo-para-Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-Cient%C3%ADfica-978-85-8263-092-1.pdf. Acesso em: 21 out. 2026.

CONRADO, D. M.; NUNES, J. V. Preservação Cultural de Fortaleza-Ce: Uma Análise Sobre Educação Patrimonial. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 18, p. 01-19, 2022 n. esp. IV Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação (EPIM).

COSTA, M. C. L. *Capítulos de geografia histórica de Fortaleza.* Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

DEMARCHI, J. L.; NITO, M. K. S.; SCIFONI, S. (org.). *Por uma nova pedagogia do patrimônio cultural:* conflitos, apagamentos e práticas educativas de resistência. São Paulo: FFLCH/USP, 2025. v. 1.
FORTALEZA. Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza. Prefeitura Municipal de Fortaleza. *Uma Fortaleza de Cultura para Todos:* legado da Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza (Secultfor). Fortaleza: Secultfor, 2021. 53 p. Gestão 2017-2020. Disponível em: https://cultura.fortaleza.ce.gov.br/images/LegadoSecultfor/Balanco2017a2020-compactado.pdf. Acesso em: 30 set. 2026.
GEVEHR, D. L. (org.). *Memória, identidade e patrimônio cultural*: uma contribuição dos estudos regionais. 1. ed. [S. l.]: Editora Científica, 2021. E-book. Disponível em: https://www.editoracientifica.com.br/books/isbn/978-65-87196-66-4. Acesso em: 21 out. 2026.
GUERRA, D. R. dos S.; GUARDIA, M. S.; ARAÚJO, F. S. G. Aula de Campo Como Método de Valorização Patrimonial: Um Estudo de Caso. *Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)*, Mossoró/RN, vol. 7, n. 2, jul./dez. 2018. ISSN 2316-1493. ISSN 2317-9430. https://doi.org/10.70860/rtg.v15i36.19795.
MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007.
MOREIRA, G. S.; MARQUES, R. N. A importância das aulas de campo como estratégia de ensino-aprendizagem. *Brazilian Journal of Development*, *[S. l.]*, v. 7, n. 5, p. 45137–45145, 2021. https://doi.org/10.34117/bjdv.v7i5.29366.
ROCHA, A. M. M. Quando o patrimônio se movimenta: memória e identidade como estruturantes da ação coletiva. In: OLIVEIRA, G. M. C.; VIEIRA, K. M. A., eds. *Patrimônio, povos do campo e memórias:* diálogos com a cultura, a arte e a educação [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2020, pp. 33-45. ISBN: 978- 65-87108-09-4. https://doi.org/10.7476/9786587108605.0003.
SILVA, A. N. DA; SOEIRO, G. P. L.; ARAÚJO, A. L.; CYSNE, F. P. Memoriais e Centros de Memória da Cidade de Fortaleza: Contribuições no Acesso à Informação e ao Patrimônio. *Folha de Rosto,* v. 3, n. 1, p. 32-40, 17 ago. 2018.
SILVA, B.; PARENTE, L. C.. Aula de Campo, Educação Patrimonial e Ensino de Geografia: possibilidades de mediação pedagógica e democratização do acesso. *Revista Tocantinense de Geografia Araguaína* v. 15, n. 36 mai.-agost./2026.
SOUSA, A. S. de; OLIVEIRA, G. S. de; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 43, 2021.
SOUZA, C. A. *A aula de campo como instrumento facilitador da aprendizagem nas aulas de Geografia no ensino fundamental.* 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2014. Disponível em: http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/10559. Acesso em: 3 Out. 2026.